

O Repórter Esso e a Globalização: a produção de sentido no primeiro noticiário radiofônico mundial

*Luciano Klöckner*¹

RESUMO

O Repórter Esso, lançado no Brasil nos anos 40, completaria 60 anos de existência em 2001, se não encerrasse as transmissões em 1968. Patrocinado pela Standard Oil Company era transmitido em 14 países do continente americano por 59 estações de rádio, constituindo-se na mais ampla rede radiofônica mundial. No Brasil, a síntese noticiosa, de cinco minutos, foi irradiada nos cinco principais centros de decisão política do País de 1941 a 1968: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre. O objetivo deste ensaio será apresentar, através da Hermenêutica de Profundidade (THOMPSON, 1995), *O Repórter Esso* no contexto mundial e nacional das disputas políticas, ideológicas e culturais, especialmente no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e da Guerra Fria, quando a notícia não servia apenas para informar, mas podia transformar-se em propaganda político-ideológica, produzindo e construindo sentido.

1. A Política da Boa Vizinhança

Durante a Segunda Guerra Mundial, de 1939 a 1945, as nações do Terceiro Mundo foram pressionadas a optar por uma facção ou outra do conflito. De um lado, o Eixo, formado por Alemanha, Itália e Japão. No outro extremo, os Aliados, liderados por Grã Bretanha, França e União Soviética; e, a partir de 1941, pelos Estados Unidos. Nestes seis anos de conflito, destacou-se a “política da boa vizinhança”, visando a aproximar os países da América Latina da cultura e ideologia estadunidense. O objetivo era único: que o Brasil passasse a defender os interesses dos Aliados na Segunda Guerra Mundial, o que ocorreu em 1942.

O pacote cultural-ideológico dos Estados Unidos incluía várias edições diárias de *O Repórter Esso*, uma síntese noticiosa de cinco minutos rigidamente cronometrados, a primeira de caráter global, que transformou o radiojornalismo brasileiro. Com o noticioso, foi implantado o lide; a objetividade; a exatidão; o texto sucinto, direto e vibrante; a pontualidade; a noção do tempo exato de cada notícia; aparentando imparcialidade e contrapondo-se aos longos jornais falados da época. Porém, o formato inovador do noticiário não influenciou somente na área profissional mas, também, nas disputas políticas, ideológicas e culturais da época.

¹ Jornalista, Professor de Comunicação Social da PUCRS - de Porto Alegre/RS e UNISINOS - de São Leopoldo, Mestre e Doutorando em Comunicação Social da PUCRS.

A par de toda a evolução técnica que *O Repórter Esso* – até hoje parâmetro às principais sínteses noticiosas do País - trouxe para o radiojornalismo brasileiro, a informação por ele divulgada não era apenas notícia, mas se constituía, também, em informação dirigida, em propaganda político-ideológica, produzindo e construindo sentido e com alvo certo: o governo e determinados segmentos da sociedade brasileira. O noticiário, - que estreou em 28 de agosto de 1941 na Rádio Nacional do Rio de Janeiro e, um ano depois, já era irradiado por outras quatro rádios brasileiras -, logo conquistou credibilidade e respeito no meio radiojornalístico.

Antes da primeira edição ir ao ar, no mesmo ano de 1941, desembarcaram no País os representantes do Birô Interamericano, criado pelo presidente Franklin Delano Roosevelt, para aproximar os Estados Unidos dos países da América Latina. A tática, denominada de “política da boa vizinhança”, tinha por objetivo estreitar as relações econômicas e culturais. O *Office of Interamerican Affairs* (OIAA) começou a atuar em 1938, nos Estados Unidos, em resposta à propaganda nazista na América Latina. Através de programas radiofônicos, transmissões da *Voice of America* e revistas do porte da *Time*, *Life* e *Seleções Reader's Digest*, eram divulgadas mensagens do governo estadunidense, visando a neutralizar a forte presença alemã, italiana e japonesa nesta parte da América. Mais tarde, o OIAA estimulou a criação de histórias e de filmes de Walt Disney, com personagens dos países latino-americanos, auxiliando no convencimento das populações em relação à boa vontade dos Estados Unidos.

O avanço do exército alemão na Europa Ocidental animava algumas autoridades brasileiras e preocupava os Estados Unidos, que redobram a atenção sobre a América Latina. O Brasil era presidido por Getúlio Dornelles Vargas e atravessava um momento político delicado, com a instituição de um regime arbitrário, o Estado Novo (1937-1945), de inspiração nazi-fascista. Vargas era filho de uma família de estancieiros gaúchos da fronteira com a Argentina, com raízes caudilhistas. Entrou para a carreira militar e destacou-se na política estudantil, demonstrando desde cedo muita astúcia e habilidade para negociar. Líder da maioria na Assembléia do Rio Grande do Sul, foi deputado federal em 1923, lutou contra os libertadores no mesmo ano e virou ministro da Fazenda em 1926.

Herdeiro político de Borges de Medeiros, Getúlio Vargas disputou, pela Aliança Liberal (MG, RS e PB), em 1º de março de 1930, a eleição direta para a presidência da

República, tendo como vice o paraibano João Pessoa. No pleito, perdeu por 300 mil votos para o paulista Júlio Prestes que fez 1 milhão de votos. Alguns meses depois, em 31 de outubro de 1930, Getúlio Vargas entrou de forma triunfante no Rio de Janeiro, impedindo a posse de Júlio Prestes, marcada para novembro: era a Revolução de 30. Com uniforme militar, lenço vermelho no pescoço e chapéu, de aba larga, dias mais tarde, em 3 de novembro, era nomeado chefe do governo provisório, substituindo o paulista Washington Luís. Era o fim da República Velha, da política café-com-leite, que alternava no poder presidentes mineiros e paulistas.

Em 10 de novembro de 1937, Vargas instaurou o Estado Novo, com feições ditatoriais, contrariando a sua própria plataforma de governo, anunciada sete anos antes, de “restituir a democracia e a liberdade do povo, recuperando a economia”. Aos poucos, foi rompendo com aliados, como Borges de Medeiros, Osvaldo Aranha, Flores da Cunha, entre outros, e mostrando uma personalidade mais autoritária. Apesar disso, com uma legislação tutelar e paternalista, o governo Vargas do Estado Novo ganhava popularidade, o que lhe valeu a alcunha de “pai do povo”. Destituído em 1945, depois da vitória Aliada na Segunda Guerra, Vargas ainda voltaria ao poder em eleições diretas em 1950 para o terceiro governo. Nele, se envolveria em outra questão polêmica: a exploração nacional do petróleo e a criação da Petrobrás em 1953.²

Na época, apesar do grande e eficaz poderio dos jornais impressos, era o rádio que exercia fascínio no povo e mobilizava as massas. O despertar para essa novidade ocorreu em 7 de setembro de 1922, quando 80 rádios-galena foram distribuídos, para captar o discurso do Presidente Epitácio Pessoa na abertura da Exposição-Feira Mundial, no Rio de Janeiro. O número de emissoras e de aparelhos receptores cresceu rapidamente. Nos anos 20, existiam 19 emissoras; em 1940, elas já somavam 78; em 1944, 106; em 1945, 111; e, em 1950, 300. (HAUSSEN, 1993: 99) Do mesmo modo, o número de radiorreceptores, que era de 30 mil em 1926, chegou a 659.762 em 1942. (WAINBERG, 1997: 43-44) Trinta e três anos depois da primeira transmissão, existiam, no Brasil, 477 emissoras de rádio, e o número de aparelhos receptores atingia quase um milhão.³

² A Campanha “O petróleo é nosso” surgiu durante o governo do presidente Eurico Gaspar Dutra em 1947.

³ *O Dia do Rádio. Jornal O Dia*. Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1994.

Paralelamente à evolução do rádio, como *mass media*, ocorreu, nos anos 30-40, a disseminação da ideologia norte-americana, estimulada pela instalação, no Brasil, das primeiras multinacionais (indústrias em geral, agências de publicidade e propaganda, e agências de notícias). Com isso, estabeleceu-se uma bipolarização de interesses: de um lado, os defensores dos valores dos Estados Unidos e da internalização de capitais estrangeiros no País; de outro, os nacionalistas, opostos a qualquer ingerência externa.

A luta passou pelos meios de comunicação, pois havia a intenção de conquistar a opinião pública, influenciá-la e, se possível, manipulá-la. Assim, muitas vezes, a notícia mais importante podia não ir ao ar, suprimida pela censura ou por interesses políticos específicos ou ainda se transformar numa espécie de notícia dirigida, cujo propósito era o de fazer propaganda. Integrante deste contexto, *O Repórter Esso*, apesar do profissionalismo de sua equipe e do rígido controle, preconizado no *Manual*, não ficou livre dos interesses e das forças que o compuseram nos mais de 27 anos em que permaneceu no ar.

2. Um repórter de guerra

De 1941 até 1968, *O Repórter Esso* constituiu-se no principal noticiário radiofônico brasileiro, com índices elevados de audiência e consolidando a sua hegemonia, de modo particular durante a Segunda Guerra Mundial, de 1941 a 1945. Idealizado pela agência de publicidade McCann-Erickson, ex-departamento de relações públicas da Standard Oil Company⁴, *O Repórter Esso* começou a ser transmitido no Brasil no dia 28 de agosto de 1941, pela Rádio Nacional, do Rio de Janeiro.⁵

Era uma cópia, da síntese noticiosa, transmitida nos Estados Unidos, desde 1935, com notícias da United Press. Antes de estrear no Brasil, o noticiário ia ao ar, regularmente, em dezenas de emissoras das principais cidades das Américas do Norte e Latina, entre elas, Nova Iorque, Havana, Lima, Santiago do Chile e Buenos Aires. Nos Estados Unidos, em 10 de junho de 1942, registrou-se a edição 200 mil. Emissoras de 14 países do continente americano irradiaram *O Repórter Esso* em 59 estações, constituindo a mais ampla rede radiofônica global, utilizada por qualquer empresa em programa permanente e exclusivo. O

⁴ Em 1911, por decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos, baseada no Ato Antitruste Sherman, a Standard Oil Company foi dividida em muitas empresas separadas, entre elas, a Standard Oil New Jersey, que mais tarde passou a se chamar Exxon, patrocinadora de *O Repórter Esso* no rádio.

⁵ Na televisão, o noticiário, com o nome de *O Seu Repórter Esso*, estreou em 4 de maio de 1952, na TV Tupi, do Rio de Janeiro, Canal 6, onde permaneceu por 18 anos, até 31 de dezembro de 1970, sempre com a

noticiário esteve presente nos Estados Unidos, Argentina, Brasil, Costa Rica, Cuba, Nicarágua, Panamá, República Dominicana, Porto Rico, Venezuela, Colômbia, Peru, Chile e Uruguai.

Até hoje citado por ouvintes e radialistas, muitos ainda desconhecem as razões da Esso, antiga Standard Oil Of New Jersey, em patrocinar um noticiário deste gênero. Desde o surgimento, *O Repórter Esso* integrava uma estratégia, para ganhar credibilidade junto à opinião pública e não só vender mais produtos mas, na mesma proporção, influir na sociedade e sobre as ações do governo brasileiro da época, representado pelo Presidente Getúlio Vargas. Em menos de um ano, o noticiário era transmitido por mais quatro rádios nos principais núcleos de poder político do Brasil (São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife).

Nos anos 40, o contexto mundial foi marcado pela ascensão nazista, movimento cujos líderes tornaram-se exímios em utilizar o rádio para manipular e insuflar as massas, levando uma mensagem receptiva ao público ouvinte. Os Aliados, sob a liderança dos Estados Unidos e da Inglaterra, perceberam a importância do rádio para o conflito e contra-atacaram com um bombardeio político-ideológico, através das ondas de rádio. (AUGRAS, 1970 : 74).

As emissoras dos países Aliados começaram, então, a competir com as rádios do Eixo, divulgando e difundindo os respectivos ideários para os países em desenvolvimento. Um dos alvos escolhidos foi a América Latina. Para ALVES (1997), antes de os Estados Unidos entrarem na guerra, os estrategistas estadunidenses estavam comprometidos com outra batalha, a da comunicação internacional contra os nazistas e fascistas.

Um programa multimilionário do governo dos Estados Unidos foi dirigido pelo empresário Nelson Rockefeller, neto de John Davison Rockefeller, fundador da Standard Oil Company, para influenciar as mídias na América Latina. O dinheiro, investido pelas empresas, poderia ser deduzido do imposto de renda. No primeiro momento, o combate era contra a propaganda nazista e fascista. Logo depois, no período pós-conflito, o comunismo constituiu-se no inimigo a ser neutralizado. Era a Guerra Fria.

Conforme ALVES (op. cit), por muitos anos, o governo dos Estados Unidos e as corporações influíram diretamente na política e no controle das notícias, envia das à América

Latina. Vários milhões de dólares foram destinados secretamente pelo governo estadunidense, financiando pesquisas de universidades no uso da guerra psicológica na comunicação internacional. Surgiu desta pesquisa a *Teoria da Bala*, que partia do princípio de que as audiências eram relativamente passivas e indefesas. Desta forma, era possível “atirar” algo sobre elas. Em seguida, essa teoria foi substituída pela do Bumerangue, quando os investigadores observaram que as audiências não eram tão passivas e que, muitas vezes, reagiam de modo inesperado.

Por outro lado, a União Soviética, principal berço socialista, também investia muito, para difundir a ideologia comunista e a propaganda “vermelha” no resto do mundo. O rádio se tornara o primeiro meio de massa global e, com o transistor, se popularizou depressa. A partir daí, houve uma guerra através das ondas radiofônicas, com batalhões de técnicos envolvidos num duplo sentido: transmitir as ondas da sua ideologia e neutralizar, a qualquer custo, as ondas inimigas.

No Brasil, o rádio alterou o modo de fazer política a partir dos anos 30, agindo sobre e sendo utilizado pelo governo do Presidente Getúlio Vargas. (BAHIA, 1990: 203-204, v. 1) No âmbito da Revolução de 30, Vargas cria o Departamento Oficial de Propaganda (DOP), que tinha a seu encargo uma seção de rádio. (PEROSA, 1995: 37) Em 10 de junho de 1934, o DOP é transformado em Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, absorvido, posteriormente, pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP. Um ano mais tarde, em 1935, o Governo Vargas põe no ar a *Hora do Brasil*⁶, programa noticioso transmitido em rede obrigatória.

A partir deste momento, o rádio não se desliga mais da política brasileira. Aliás, em 1932, os desdobramentos da Revolução Constitucionalista já fora irradiado 24 horas por dia. Em 1937, o golpe de estado é noticiado, através das ondas radiofônicas; em 1940, boletins da Segunda Guerra Mundial são transmitidos e, em 1941, passa a ser transmitido *O Repórter Esso*. Um ano antes, Vargas reitera que o Brasil caminha rumo à industrialização, à descoberta do petróleo, ao incremento da produção carbonífera e à implantação da siderurgia. O Presidente diz mais: O Brasil permanecerá neutro diante da guerra; isto é, não mandará tropas e nem fará qualquer retaliação aos países integrantes

⁶ Em 1946, durante o governo do Presidente Eurico Gaspar Dutra, o nome do programa foi alterado para *Voz do Brasil*.

do conflito. (SILVA, 1990: 58) Poucos meses após a primeira edição brasileira de *O Repórter Esso*, o Presidente do Brasil declarava solidariedade aos Estados Unidos, depois do ataque japonês à base de Pearl Harbor, no Havaí.

A neutralidade do governo, durante a guerra, era desconfortável para os Aliados. O Brasil, país de dimensões continentais, tinha no primeiro escalão simpatizantes das ações desenvolvidas pelas nações do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). O conceito de imparcialidade de *O Repórter Esso* foi utilizado, então, como arma política, que contribuiu para sedimentar os ideais dos Estados Unidos e para conquistar a opinião pública. Dois fatos determinaram alterações na história do País e da comunicação radiofônica: a opção brasileira pelos Aliados na guerra, em 1942, e a nacionalização da exploração do petróleo, com a criação da Petrobrás, em 1953.

Um ano depois, em 24 de agosto de 1954, o Presidente Getúlio Vargas se suicidaria, deixando, na Carta-testamento, uma advertência⁷: *“Mais uma vez, as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se novamente e se desencadeiam sobre mim. Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação (...). Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, se querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida (...)”*, numa alusão à ingerência das empresas estrangeiras com grande poder econômico, denominadas na época de trustes.

A morte do Presidente causou comoção nacional e ressuscitou antigas discussões, como a influência, exercida pelos trustes sobre os parlamentares, a imprensa e o governo no País. Em 1957, três anos depois do suicídio de Vargas, o Congresso Brasileiro formou uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), concluída em 1959, comprovando, entre outras pressões, o envolvimento da McCann-Erickson com a Esso, na distribuição de verbas publicitárias contra a nacionalização do petróleo. *O Repórter Esso* saiu do ar em 31 de dezembro de 1968. Dois motivos foram responsáveis pelo fim: na área profissional, o noticiário perdia a credibilidade e, no âmbito político, a sua missão havia se cumprido.

3. Análise dos Textos de *O Repórter Esso*

⁷ Carta-testamento. Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, RJ.

Para a análise dos textos, através da Hermenêutica de Profundidade, foram consideradas, principalmente, as edições de 1941 a 1945 - durante a Segunda Guerra Mundial, embora haja notícias com data de 1947 a 1954. Na época do conflito, o noticioso chegou ao ápice da audiência⁸, segundo as medições realizadas na época pelos institutos de pesquisa. A fama de *O Repórter Esso* perdurou até o seu término, mas as melhores décadas foram, conforme comprovam as aferições, as de 40 e de 50. A fase inicial do noticiário se estende de 1941 até os anos 50, com a cobertura dos grandes conflitos mundiais. Tecnicamente, a evolução temporal se reflete nos textos mais diretos com a supressão dos adjetivos e pelo aprofundamento da forma com que era elaborada a síntese noticiosa.

As edições do *Repórter Esso*, em 1941, trataram do avanço do exército alemão sobre países da Europa e da África, e também da resistência liderada pelo primeiro-ministro da Inglaterra, Winston Churchill, na base do “*sangue, suor e lágrimas*”.

A primeira edição de 28 de agosto de 1941 veiculou a seguinte notícia:

E atenção, Rio.// De acordo com a decisão que acaba de ser tomada em conjunto por várias nações americanas, o governo do Brasil ordenará⁹ a imediata internação dos 16 navios do Eixo que se acham atualmente em portos brasileiros.///

O ataque à base norte-americana no Pacífico, em 7 de dezembro, determinou a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra:

*E atenção, atenção ouvintes do **Repórter Esso**.//Washington, urgentíssimo.// Aviões japoneses atacam de surpresa esta madrugada a base naval norte-americana de Pearl Harbor.///*

Durante reunião, realizada no Rio de Janeiro, em 23 de janeiro de 1942, os países americanos reafirmaram sua solidariedade continental, recomendando o rompimento imediato das relações com as nações do eixo nazi-fascista.

“Foi a maior derrota diplomática do nazi-fascismo, literalmente batido nas suas investidas de infiltração num continente tão visado pela sua política agressora de espaço vital. A sábia política de boa vizinhança preconizada por Roosevelt, e tão bem compreendida pelos demais estadistas do

⁸ De 1943 a 1955, os levantamentos do IBOPE somente mediam as unidades em 15 minutos. Mesmo assim, nas unidades onde *O Repórter Esso* estava incluído apresentavam índices 25% mais altos do que as unidades anteriores e posteriores. Esses percentuais chegaram ao auge, no primeiro semestre de 1945, alcançando em torno de 50% e começaram a cair no pós-guerra.

Continente, recolhe os seus frutos mais concretos, e as Américas declaram-se unidas, condenando em declaração histórica, os agressores mundiais.

A pressão interna, sofrida contra a política de neutralidade, defendida pelo Presidente Getúlio Vargas, cede em 22 de agosto de 1942:

*E atenção, atenção ouvintes do **Repórter Esso**://*

O governo brasileiro acaba de declarar guerra às nações do Eixo.///

Um ano depois, em 25 de julho de 1943, a queda de Mussolini se materializava:

“Caiu o tragicômico Duce do sanguinário fascismo. Quinze dias após a invasão da Sicília, o poderoso regime de Mussolini não resistia ao primeiro knock-out que os anglo-americanos lhe aplicaram em sua própria casa.(...)”

A vitória dos Aliados na guerra se aproxima com a invasão da Normandia, em 6 de junho de 1944:

*E atenção, atenção ouvintes do **Repórter Esso**./ Foi aberta a segunda frente./ Poderosas forças aliadas protegidas pela aviação e pelo canhoneio da Marinha desembarcaram na costa normanda da França.///*

Em setembro do mesmo ano, soldados da Força Expedicionária Brasileira (FEB) entravam no *front* italiano, em território dominado pelo inimigo, e, em 21 de fevereiro de 1945, venciam a batalha.

*E atenção, atenção ouvintes do **Repórter Esso**://*

A Força Expedicionária Brasileira, depois de uma luta tenaz e vigorosa, conquistou a fortaleza nazista de Montecastelo.///

A Segunda Guerra Mundial consolida o seu final com três notícias, divulgadas pelo **Repórter Esso** em 1945:

9 de maio

*E atenção, atenção ouvintes do **Repórter Esso**://*

A Alemanha assinou a sua rendição incondicional.///

6 agosto

*E atenção, atenção ouvintes do **Repórter Esso**://*

Aviões atômicos lançaram nova e poderosa arma sobre a cidade japonesa de Hiroshima./ Os efeitos da bomba atômica fizeram com que Hiroshima fosse varrida do mapa.//

⁹ Os grifos são do autor para destacar as palavras e frases selecionadas para a análise.

Em 9 de agosto, a segunda bomba atômica destruía o Centro Industrial de Nagasaki.

14 de agosto

*E atenção, atenção ouvintes do **Repórter Esso**!!*

De bordo do encouraçado norte-americano Missouri, urgentíssimo!! O Japão rendeu-se incondicionalmente!!

A guerra terminou com saldo de 55 milhões de mortos, 35 milhões de feridos, além de 3 milhões de desaparecidos. No Brasil, a situação era agitada na área política, e, em 29 de outubro de 1945, **O Repórter Esso** noticiava a renúncia do presidente, o que marcou a mudança de foco do noticiário para os acontecimentos locais:

*E atenção, atenção ouvintes do **Repórter Esso**!!*

Renunciou o Presidente Getúlio Vargas./ A decisão presidencial foi anunciada depois que forças da vila militar, sob o comando do General Renato Paquet, avançaram pela rua Paissandu, rumo ao Palácio Guanabara./ Assumiu o governo o Ministro José Linhares, Presidente do Supremo Tribunal Federal.!!!

A primeira fase política do **Repórter Esso** termina com o fim da Segunda Guerra, pois o noticiário havia cumprido com os objetivos determinados originalmente, isto é, o de apoiar os Aliados durante o conflito. No entanto, a grande popularidade que a síntese noticiosa desfrutava junto aos ouvintes motivou Heron Domingues, locutor exclusivo do **Esso** no Rio, a defender junto ao diretor da Rádio Nacional, Victor Costa, a montagem de uma redação na emissora, para captar notícias locais. A idéia foi considerada uma loucura, no início, mas foi implantada e deu novo vigor ao **Repórter Esso**. As notícias locais passaram a ser melhor exploradas e o noticiário tornou-se mais abrangente, informando sobre os “*matches*” (partidas de futebol), a cotação do café, as condições do tempo, os resultados do turfe, etc.

A partir de 2 de dezembro de 1945, o **Esso**, mais uma vez, inovaria, sendo o primeiro a revelar os resultados das eleições. As notícias internacionais continuavam, mas em menor quantidade na área espaço-tempo. Contudo, o noticiário mantinha a ótica dos Estados Unidos. Situações favoráveis ou de ameaça à ideologia norte-americana mereciam destaque positivo ou negativo. Foi assim, por exemplo, quando foram noticiadas a independência do Paquistão e da Índia, e a morte de Ghandi.

Em 1947, outra questão abalava o mundo: a entrada de judeus na Palestina, conforme divulgado na edição de 31 de dezembro:

E agora o último telegrama.// Washington.// O Departamento de Justiça revelou que está realizando ampla investigação a respeito de possíveis violações das leis de neutralidade dos Estados Unidos, com relação à passagem ilegal de judeus para a Palestina./ Segundo se afirma, estariam sendo empregadas embarcações norte-americanas no transporte dos judeus imigrantes ilegais para a Terra Santa, navios estes que estariam furando o bloqueio britânico.///

Em 25 de setembro de 1948, a Argentina é citada no **Repórter Esso**:

Buenos Aires./ O Presidente Perón denunciou os consórcios capitalistas internacionais como organizadores do complô para tirar a sua vida juntamente com sua esposa./ A acusação do primeiro mandatário argentino foi feita em discurso pronunciado perante extensa multidão reunida na Plaza de Mayo./ Os hospitais de Buenos Aires anunciaram que houve 80 feridos em consequência de incidentes registrados, após a reunião realizada na Plaza de Mayo ontem à noite./ Em discurso pronunciado na Plaza de Mayo, o Presidente Perón qualificou os correspondentes estrangeiros de espões internacionais (...).///

O início da guerra da Coreia em 25 de junho de 1950, conflito que duraria três anos, foi noticiado pelo **Repórter Esso**:

*E atenção, atenção ouvintes do **Repórter Esso**. Forças comunistas acabam de atravessar o Paralelo 38, invadindo a República da Coreia do Sul.///*

Um ano depois, em 13 de agosto de 1951, a principal notícia é a construção do Muro de Berlim, dividindo a Alemanha:

Berlim urgente./ Os comunistas iniciaram o levantamento de um muro para separar Berlim Ocidental de Berlim Comunista.///

Os textos de **O Repórter Esso** podem ser divididos em antes e depois da Segunda Guerra Mundial. Em ambas as fases, o noticiário atendia aos interesses comerciais e políticos. Patrocinado pela Standard Oil of New Jersey, uma das maiores companhias petrolíferas do mundo, o **Esso** anunciava comercialmente produtos no varejo como combustíveis (gasolina e óleo), fogareiros, etc.

Na área política, o objetivo era o de seguir o plano de aproximação com o Brasil, determinado pelo Presidente Franklin Delano Roosevelt, conforme artigo da Revista da Abert: “*A princípio era uma peça de propaganda das atividades do governo dos EUA, durante a guerra, patrocinada pela multinacional de petróleo em vários pontos do mundo*”.¹⁰

Quando o *Esso* começou a ser transmitido no Brasil, outros 35 países já veiculavam o informativo. Nos primeiros quatro anos, período em que predominaram as notícias da Segunda Guerra, não houve problemas com a censura brasileira. O noticiário foi para o *front* e inaugurou a guerra de informações, pois ele nasceu no Brasil, para informar a sociedade sobre os acontecimentos da Segunda Guerra, jamais se afastando da ótica dos Estados Unidos.

O noticiário era baseado, quase que exclusivamente, em fatos, envolvendo os combates na Europa. Em edições extraordinárias, muitas vezes, *O Repórter Esso* interrompia até programas humorísticos, para transmitir notícias trágicas. Deste modo, ele desempenhou um papel importante ao influenciar a posição do governo brasileiro diante do conflito. No início dos anos 40, o oceano Atlântico se transformou em área de risco para a navegação comercial. Alguns navios mercantes brasileiros foram torpedeados, e o *Esso* fazia despertar o sentimento de defesa da pátria, condenando a ofensiva do Eixo, exorcizando alemães, italianos e japoneses pelos atos contra o Brasil.

Não é sem razão, portanto, que é atribuída ao *Repórter Esso* uma importante parcela de influência no consenso popular que levou o Presidente Getúlio Vargas a abrir mão de sua primeira tendência pró-nazi-fascismo, e depois de neutralidade, e colocar o Brasil ao lado das forças aliadas. Ao mesmo tempo, o governo americano tinha interesse em contar com o apoio brasileiro, pois o Nordeste do País se constituía numa região estratégica. Ali, os americanos pretendiam - e montaram - uma base aérea, para possibilitar a abertura de uma nova frente de batalha pelo Norte da África. Isto, de fato, terminou acontecendo.

Antes, porém, o Presidente Getúlio Vargas realizou uma longa negociação com os Estados Unidos. Em troca das bases no Nordeste, a US Steel forneceu tecnologia para a construção em Volta Redonda, da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), inaugurada em

¹⁰ *O pioneirismo que mudou a cara do jornalismo brasileiro*. Revista da Abert (111): 12-14, mai./jun. 1996.

1942, no Rio de Janeiro. Os americanos também ergueram a Base de Pára-Mirim, na Barreira do Inferno, em Natal.

Durante a cobertura da Segunda Guerra, percebe-se, no texto de *O Repórter Esso* a presença de adjetivos; alguns valorizando os feitos Aliados como: *poderosas* forças, *vigorosa* luta, *tenaz* batalha, *histórica* resistência, *gigantesco* orçamento, *graves* resoluções, *sábia* política da boa vizinhança de Roosevelt; ou atribuindo qualidades depreciativas aos inimigos como: *tragicômico* Duce, *sanguinário* fascismo; além de outros adjetivos como *sensacional*, *grande*, *maior*, quando se referiam aos norte-americanos.

Também podem ser observados rótulos como: *vermelhos* ou *inimigos*, para se referir aos comunistas; e expressões como *último baluarte* ou frases de efeito como *a história humana jamais esquecerá este nome*, *o mundo se encontra ante uma verdadeira encruzilhada*, *em esferas responsáveis*, *reina a impressão*. Outra técnica utilizada era criar tensão, apreensividade, ao preceder à última notícia com as palavras de *atenção*, *urgente*, *urgentíssimo* ou ainda: *e agora o último telegrama*.

Nesta primeira fase do noticiário, a palavra telegrama aparecia como sinônimo de notícia e era possível notar certo exagero no uso de adjetivos e na forma de redação, ainda rebuscada e pomposa, como nos jornais da época, embora o texto fosse menor e mais direto. Era o embrião de um texto específico para o radiojornalismo no Brasil.

4. A discursividade de *O Repórter Esso*

Através da interptração dos textos do noticiário é possível perceber de imediato as estratégias apontadas por THOMPSON, que detectam a ideologia (legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação), mostrando que a notícia de *O Repórter Esso* não esteve livre da influência dos agentes econômicos que a patrocinaram. As edições desta primeira fase foram dedicadas exclusivamente às notícias internacionais, enaltecendo somente os feitos dos norte-americanos na guerra e engrandecendo as atitudes do Presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, e seus sucessores.

4.1 Legitimação

Neste processo, verifica-se a estratégia de legitimação, justificando os atos, praticados pelos Aliados, valorizados com os adjetivos de *poderosas* forças, *vigorosa* luta, *tenaz* batalha, *histórica* resistência, *sábia* política de boa vizinhança de Roosevelt. As

atitudes aliadas eram legitimadas pela racionalização (defesa de um ataque desfechado), pela universalização (os nossos interesses são os de todos) e pela narrativização (invocando as tradições da Grã Bretanha, França e Estados Unidos, principais forças aliadas).

4.2. Dissimulação

Outra estratégia ideológica presente foi a dissimulação, com a sinedóque, em que todos os alemães, japoneses e italianos passaram a ser *agressores*, numa generalização que prejudicou a convivência de muitos imigrantes deste povos em território nacional. A eufemização apareceu na análise, pois os Aliados nunca invadiam, *defendiam*, enquanto os japoneses, alemães e italianos sempre *invadiam*, nunca defendiam. Neste particular, o noticiário trabalhou com a metáfora, pois, enquanto as autoridades aliadas eram enaltecidas com adjetivos positivos, os líderes do eixo eram tachados de *tragicômico*, *sanguinário*, entre outros rótulos negativos, comprometendo as normas do *Manual* de noticiar de forma neutra e imparcial os acontecimentos.

4.3 Unificação e fragmentação

Ainda foram verificados outros modos de operação como a unificação e a fragmentação. O noticiário sempre se referia aos Aliados como uma entidade única, unificada, reforçando este conceito em algumas notícias em que as *Américas declaram-se unidas, condenando em declaração histórica, os agressores mundiais*. Já os integrantes do Eixo eram sempre fragmentados, através da diferenciação e do expurgo do outro: os japoneses atacaram, os alemães ..., os italianos... Somente havia a unificação, quando o caráter a ser considerado na notícia era negativo: *agressores, fascistas, nazistas*.

4.4 Reificação

Foi possível notar também, nos textos, a reificação, tanto com a nominalização (quando as ações são transformadas em nomes), quando com a passivização (quando os verbos são colocados na voz passiva, apagando os atores e a ação, tornando os fatos sem sujeito, sem autores). Neste particular, a voz ativa aparecia na frase, quando algum fato positivo dos Aliados deveria ser destacado.

4.5 Reinterpretação

Por intermédio dessas estratégias, o noticiário se constituiu no principal divulgador da propaganda favorável dos Aliados para os ouvintes brasileiros. Portanto, quando o Presidente Getúlio Vargas decidiu apoiar os Aliados, em 1942, não houve surpresa da população, pois havia uma espécie de consenso na opinião pública de que esta era a melhor decisão.

Em geral, os detalhes do texto foram considerados ao máximo, para dar a impressão de perfeição. A característica, a frase de abertura, a maneira de narrar os fatos, a ilusão de que os telegramas chegavam na hora - quando na verdade estavam com o locutor há muito tempo, etc. Os critérios, a informação exata e honesta (ou redigida de forma a parecer exata e honesta), a estética do noticioso (compacta, rápida, dinâmica), as notícias sem posição clara, mas apresentando a opinião subentendida.

Os textos eram curtos, mas nem sempre objetivos, e muitas vezes não respondiam aos seis quesitos do lide (que, quem, como, quando, onde, porque). Algumas notícias desprezavam o contexto e iam ao ar sem as explicações necessárias para que o ouvinte entendesse. O principal era criar a expectativa na audiência, sem explicar o que realmente estava acontecendo. A linguagem era parcial, enaltecendo a posição dos Estados Unidos e seus aliados na luta contra os nazi-fascistas. O mesmo recurso foi utilizado durante a Guerra Fria contra o comunismo.

Coube também ao noticiário contribuir na difusão tanto do estilo de vida americano, o *american way of life*, como da ideologia capitalista, sendo considerado um ponta-de-lança na americanização do Brasil. Os comerciais encaixados antes da última notícia, estimulavam a compra de bens como automóveis, fogões, fogareiros, baterias, óleos e lubrificantes. E, junto com a síntese noticiosa, chegaram os chicletes, a Coca-Cola, as revistas em quadrinhos e uma série de hábitos americanos.

O controle era quase completo, pois a United Press, na origem, definia qual a “informação” passível de ser divulgada, enquanto a autocensura dos produtores e editores se encarregava de bloquear as notícias de caráter “duvidoso”. As regras impostas no *Manual de Produção do Repórter Esso* não eram imparciais como pareciam, atuando como uma camisa-de-força capaz de evitar que informações opostas aos interesses da empresa fossem difundidas.

Evidenciam-se nesses aspectos as contradições de *O Repórter Esso*, entre a filosofia da empresa, defensora do livre mercado, e a aplicação prática deste conceito. A

livre iniciativa, preconizada em âmbito empresarial, não se aplicava à divulgação imparcial das notícias. Assim, o ideal de “imprensa livre” e sem compromissos com os grandes conglomerados econômicos também pode ser fabricado a exemplo da “imparcialidade” e “neutralidade”, apresentadas como requisitos básicos do noticiário em análise. Mesmo a objetividade, preconizada como característica do texto radiofônico, esconde um conteúdo superficial, sem contexto, sem história. Observa-se, ainda, que a imparcialidade, a neutralidade e a credibilidade muitas vezes são predicados, usados, com a intenção de transmitir à opinião pública uma aparência de verdade.

FONTES CONSULTADAS

ALVES, Rosenthal Calmon. *International Communication. People to People: an Introduction to Communications*, edited by Kathleen Feran-Banks and Anthony B. Chan, American Heritage Custom Publishing, New York, 1997: 225-236.

AUGRAS, Monique. *Opinião pública: teoria e pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. v. I e II. São Paulo: Ática, 1990.

COPELAND, W. Winston. *Manual Radionoticioso de la United Press en America Latina*. Buenos Aires: United Press Associations, 1944.

HAUSSEN, Doris F. *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*. São Paulo: 1993. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo.

IBOPE. Pesquisas Especiais. 1948. v. 7: 367. (Arquivo Edgar Levenroth-Unicamp)

IBOPE. Serviço de Rádio. Pesquisa de Audiência, agosto/1950. (Arquivo Edgar Levenroth-Unicamp)

IBOPE. Pesquisas Especiais. Pesquisa 18. 1952: 18. (Arquivo Edgar Levenroth-Unicamp)

KLÖCKNER, Luciano. *O Repórter Esso na História Brasileira (1941-1945 e 1950-1954)*. Dissertação de mestrado defendida em 2/7/1998, no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Comunicação da PUCRS.

PEROSA, Lilian Maria F. de Lima. *A hora do clique: análise do programa de rádio Voz do Brasil da Velha à Nova República*. São Paulo: AnnaBlume: Ecca-USP, 1995.

REVISTA DA ABERT. O Pioneirismo que mudou a cara do jornalismo brasileiro. Reportagem s/autor definido. *Revista Abert*, nº 111, maio/junho de 1996, p. 12 a 14.



REPÓRTER ESSO. *Instruções básicas para a produção do Repórter Esso no rádio: orientação geral e*

sugestões para as estações de rádio, locutores e a United Press. Rio de Janeiro: McCann-Erickson, 1957.

_____. *Manual de Produção.* Rio de Janeiro: United Press International, 1963.

SILVA, Hélio. *Vargas.* Porto Alegre: L&PM, 1990.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de Comunicação de Massa.* Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

WAINBERG, Jacques A. *Império das palavras: estudo comparado dos Diários e Emissoras Associadas, de Assis Chateaubriand, e Hearst Corporation, de William Randolph Hearst.* Porto Alegre: Edipucrs, 1997.